



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Morte: indivíduo e sociedade – uma leitura sobre a atitude humana diante da morte a partir de Martin Heidegger e Edgar Morin

Por: Marcelo Lopes Rosa¹

marcelo.rosa@ifpr.edu.br

Resumo

O presente artigo buscou compreender como a presença, ou o humano, torna-se autêntico diante de sua condição mais própria, irremissível, insuperável e certa. Heidegger ao pensar o ser-á alerta que ele sempre está em busca, é projeto finito, de possibilidades finitas à espera de sua suprema possibilidade: sua morte. E para tal, é necessário se apossar de sua condição mais própria através do conhecimento de sua condição de finitude. Ao mesmo tempo, sua condição social o lança em uma fuga diante da morte.

Palavras-chave: Findar; Existencialismo; Antropologia; Morte.

Resumo

La nuna artikolo serĉis kompreni kiel la ĉeesto, aŭ la homa, iĝas aŭtentika antaŭ sia kondiĉo pli taŭga, neevitebla, senpaga kaj certa. Heidegger, kiam li pensas, ke li ĉiam serĉas ĝin, estas finita projekto, pri finaj ebloj atendante sian superan eblon: lia morto. Kaj por tio necesas akiri sian plej taŭgan kondiĉon per la scio de ĝia kondiĉo de finfineco. Samtempe, lia socia kondiĉo lin mortigas.

Ŝlosilvortoj: Fini; Ekzistecismo; Antropologio; Morto.

Abstract

The present article sought to understand how the presence, or the human, it becomes authentic in the face of its most proper, irremissible, unsurpassed, and certain condition. Heidegger in thinking “*dasein*” warns that he is always in search, is finite project, of finite

¹ É mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, é Especialista em Gestão Escolar: Supervisão e Orientação pela Faculdades Integradas do Vale do Ivaí – UNIVALE-ESAP, é Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, é Graduado em Administração pela Faculdade Estadual de Educação, Ciência e Letras de Paranaíba – FAFIPA e é Graduado e Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, lotado no campus da cidade de Paranaíba-PR. Atua nas Linhas de Pesquisa sobre Sociedade, Educação e inovação tecnológica - NUSEINTEC, no Bildung e no Epistêmica. Atua como Coordenador no Projeto de pesquisa sobre Investigação no uso do cinema como metodologia de ensino. Atua como Coordenador do Projeto de Extensão sobre Laboratório Inter e Multidisciplinar de Ensino – LABIEN. Em 2017 foi eleito Paraninfo do curso Técnico em Informática no IFPR – Paranaíba.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

possibilities waiting for his supreme possibility: his death. And for this, it is necessary to get hold of its most proper condition through the knowledge of its condition of finitude. At the same time, his social condition casts him into an escape from death.

Key words: Enden; Existentialism; Anthropology; Death.

Introdução

Para Heidegger, ao ter-se consciência de sua própria morte e de seu morrer, tem-se, necessariamente, uma consciência individual que se sabe finita e de realizações finitas. Sabendo que tudo que tem e faz é finito pode-se viver de maneira mais autêntica, buscando viver os poucos e últimos instantes, podendo também se desesperar diante daquela que tolhe toda a sua liberdade e destrói qualquer tipo de realização sua. E a humanidade busca, no seu cotidiano, negar a sua condição mais própria que é a sua morte.

O homem, segundo Heidegger, é um ser-para-a-morte, não sendo ela um acontecimento que espera o homem ao final de um percurso, não lhe é algo exterior, ela nasce com o homem, que ao nascer já tem suficiente idade para morrer. Diferencia o findar, próprio da presença, do homem, com o finar do seres simplesmente dados. No finar a morte põe fim às possibilidades biológicas, no findar não é apenas biológica, ela retira do homem o seu poder-ser. Os existentes reconhecem então uma “presença-ausente”, respeitando aquele que não é mais presente, prestando-lhe cerimônias fúnebres e até culto aos mortos. Enquanto ser-com, o homem presencia a morte constantemente, porém é a morte dos outros que ele presencia, uma experiência objetiva sendo experimentada apenas como perda.

A morte é experiência particular e intransferível. Dela não se escapa e diante disso, o homem ou a assume ou a entende apenas como morte dos outros, foge, distrai-se. Conscientizado de sua morte, o homem experimenta o seu poder-ser dentro de sua temporalidade finita, assume sua singularidade. Isso se “sente” através da angústia, um poder-ser que traz em si o seu já não poder-ser-mais e que se caracteriza por seu poder-ser ainda. Através da angústia a presença se percebe como uma clareira na floresta e que logo se fecha,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reabsorvida pela floresta². A angústia é uma tonalidade afetiva da consciência da impossibilidade absoluta do possível. No cotidiano, o homem vive buscando escapar do seu ser-para-a-morte através da impessoalidade, tem uma fuga. O impessoal é estar sob o domínio dos outros, que são todos e ninguém, indeterminado, neutro, impessoal. A publicidade não se angustia diante da morte, pois já tem suas teorias, embora gastas. Ela pergunta quem morreu? Do que morreu? e se esquiva: não sou eu, encobrendo o seu ser-para-a-morte cotidiano, é tentador, tranquilizante, alienante. “Decadente o ser-para-a-morte cotidiano é uma permanente fuga dele mesmo” (HEIDEGGER, 2001, p.37).

O Ser para a morte

O ser, para Heidegger, dá-se na temporalidade. Na cotidianidade ele se encontra de modo ôntico, mas: “a cotidianidade é justamente o ser ‘entre’ o nascimento e a morte” (Ibidem, p.11). Segundo ele, a presença deve proporcionar em seu ser a possibilidade e maneira de sua existência própria, não podendo ser imposta onticamente e nem “encontradas” ontologicamente. “O testemunho de um poder-ser próprio é fornecido pela consciência. Assim como a morte, esse fenômeno da presença exige uma interpretação existencial genuína. Esta leva à compreensão de que um poder-ser próprio da pre-sença reside no *querer-ter-consciência* (grifo do autor)” (Ibidem, p. 13). A possibilidade existenciária tende para uma determinação existenciária do ser-para-a-morte. O ser torna-se compreensível a partir das estruturas de temporalidade, mas a totalidade possível do ser está limitada pela morte, que põem fim no ser-no-mundo. A morte só é em um ser existenciário.

Heidegger procura elaborar em *Ser e tempo* uma “caracterização ontológica do ser-para-o-fim em sentido próprio da pre-sença e a conquista de um conceito existencial de morte” (Ibidem, p. 17) de modo inicial. Porém, algumas razões da constituição ontológica impedem que o ente dê acesso a todo o seu ser.

2 Exemplo de Laporte e Volpe (2000), em *Existencialismo*.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A presença ser-toda, por exemplo, contradiz-se com a cura, que significa “preceder a si mesma”, significando que pré-sença existe, e sendo, ela se relaciona com o seu poder-ser até o seu fim. Na cura há sempre algo que se encontra *pendente*³, que ainda não é real, que ainda falta. Em sua essência reside, portanto, uma constante *inconclusão*. Quando a pré-sença “existe” de forma a não ter nenhum pendente mais ela é aniquilada, “não-está-mais-presente”, não podendo fazer a experiência com o ente. A impossibilidade de não se chegar a uma totalidade do ser, porém, não está na incapacidade da “faculdade do conhecimento”, seu impedimento se encontra no ser desse ente.

O outro morto

A presença mesmo morta não é simplesmente, mas é um finado. O cadáver é ainda um objeto possível de *anatomia patológica*, cuja tendência de compreensão se orienta pela ideia de vida. No ser simplesmente dado encontra-se algo não vivo que perdeu a vida.

A morte é entendida como perda, principalmente pelos que ficam. Não se pode morrer a morte do outro, no máximo se morre pelo outro no sentido de sacrificar-se por alguém, porém não se pode assumir a morte do outro. Na convivência do mundo pode-se até substituir a outrem enquanto ocupação de alguma coisa, mas cada pré-sença deve assumir a sua própria morte: “na medida em que ‘é’, a morte é essencialmente cada vez minha” (Ibidem, p. 20). O morrer não deve ser compreendido como dado e sim como fenômeno existencial de cada presença singular. Para Heidegger a certeza de morte não deve surgir a partir da constatação de morte dos outros.

3 “Essa expressão significa aquilo que, sem dúvida, ‘pertence’ a um ente, mas ainda falta” (HEIDEGGER, 2001, p. 23)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para ele, o “findar”⁴ constitui a totalidade da presença e deve ser entendido como fenômeno existencial de cada presença singular. Ou seja, o recurso que toma a morte dos outros para a análise existencial não leva em conta a impossibilidade da substituição de uma pré-sença.

Quanto a tentativa de análise existencial através da morte do outro, Heidegger diz que não foi de todo negativa pois reconheceu a morte como fenômeno existencial. No entanto, para uma análise mais profunda é necessário um conceito puramente existencial ou renunciar à compreensão ontológica⁵. No entanto, para Heidegger só se encontrará o fenômeno da morte quando determinar-se ontologicamente os fenômenos que constituem fim e totalidade. “O que cabe é buscar na própria pré-sença o sentido existencial de seu chegar-ao-fim e mostrar que esse ‘findar’ pode constituir *todo o ser* do ente que *existe*” (grifos do autor) (Ibidem, p. 22).

A pré-sença está numa “não-totalidade” de forma contínua e ineliminável, encontrando seu fim com a morte. Ela está pendente tendo suas partes que não estão juntadas, mas que quando algo é juntado, ela não se modifica, e é chamado de “*soma*”, por Heidegger, a conjunção ou disjunção que ocorre na pré-sença. Porém a disjunção que pertence a um modo de conjunção não garante a determinação ontológica do ainda-não, pois ele não é como algo que está à mão. A pré-sença existe enquanto que seu ainda-não lhe pertence, que não é uma simples forma de conjunção de coisas somadas ou atribuídas a seu ainda-não.

Heidegger toma dois exemplos para explicar o ainda-não da pré-sença: a lua e o fruto. Da lua pode-se dizer que o seu último quarto é pendente com relação à lua cheia, mas que não para aí, a lua cheia é pendente do minguante. Em seu ainda-não ela não é cheia somente enquanto percepção mas também enquanto não-ser mesmo. O problema não está numa apreensão do ainda não, mas em seu ser e não-ser, ou melhor, em seu devir. A maturidade e a imaturidade pertencem ao fruto. Enquanto seu ainda-não está na imaturidade nada que lhe é exterior garantirá a sua maturidade. Enquanto em processo de amadurecimento o fruto é sua própria

4 “*Verenden* = finar; *enden* = findar. Essa diferença se refere ao modo de ser dos demais seres vivos. Reservou-se findar para exprimir o fim próprio da pré-sença e finar para os demais seres vivos.” (Ibidem, pp. 257-258).

5 Régis Jolivet, em *As doutrinas existencialistas*, esclarece: “A. de Waelhens observa com razão que nestas afirmações, há um grave equívoco. Heidegger não distingue o ‘morrer’ fenômeno existencial (acontecimento individual concreto da morte, fim de toda existência)”. (JOLIVET, 1975, p. 126)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

imaturidade. Enquanto não é, a pré-sença é seu próprio ainda-não, mas a morte não vem a pré-sença em sua maturidade, prova disso é que quando ela chega muitas vezes a pré-sença se encontra em sua imaturidade ou na decrepitude. A pré-sença incompleta finda.

Findar não significa que a pré-sença se completou. O termo findar pode ser entendido como terminar, como a chuva e o caminho terminam, isto supõe uma completude como a última pincelada de um quadro, ou como o pão que findou, que foi consumido. Porém esses são modos de algo que está à mão e a pré-sença enquanto fim, não caracteriza a morte adequadamente por estes conceitos de findar, ela não é algo à mão. “Na morte, a pré-sença nem se completa, nem simplesmente desaparece nem acaba e nem pode estar disponível à mão” (Ibidem, p.26). E o findar significa o próprio “ser-para-o-fim”. O findar implica no ser-para-o-fim, não apenas estar-no-fim, mas a morte é um modo de ser ao que diz Ackermann da Bohemia, citado por Heidegger: “Para morrer basta estar vivo”⁶ (Ibidem, p.26).

Somente enquanto ser-para-o-fim pode-se haver um esclarecimento ontológico, de maneira a fornecer a base suficiente para se delimitar o sentido possível em que se fala de uma totalidade da pré-sença, sendo totalidade constituída pela morte e entendida como fim. Compreender a totalidade não foi possível quando tomou por ponto de partida um esclarecimento do ainda-não e sua caracterização.

Sua interpretação analítica-existencial deve obedecer ao fio condutor da constituição fundamental da pré-sença, ao fenômeno da cura.

A morte é um fenômeno da vida, num modo de ser em que pertence a um ser-no-mundo. A pré-sença em um conceito bio-fisiológico, desliza para uma compreensão de sua morte como se concebe o mundo vegetal e animal. Surgindo daí conceitos de espécie de morte, as causas, os seus modos e meios. A essência da morte passa a ser definida através da essência da vida. No entanto, a pré-sença pode findar antes mesmo de morrer. “Morrer, por sua vez, exprime o modo de ser em que a pré-sença é para a sua morte” (Ibidem, p.28). Através de uma investigação

6 Em uma tradução diferente, Loparic (1990), em *Heidegger réu: um ensaio sobre a periculosidade da filosofia*, cita: “Na mesma hora em que começa viver, um homem já é bastante velho para morrer”, atribuindo à mesma citação de Heidegger à Ackermann. A tradução citada por Loparic aproxima-se da famosa frase, quase jargão, atribuída a Heidegger: “a partir do momento em que nascemos, temos suficiente idade para morrer”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

médico-biológica pode-se alcançar resultados relevantes se estiver fundamentado em uma interpretação existencial da morte.

A interpretação existencial da morte precede a pesquisa histórica-bibliográfica, psico-etnológica e antropológica da morte. As apreensões acerca da morte dos primitivos os seus comportamentos diante dela na magia e no culto demonstram a compreensão da pré-sença e sua analítica existencial, bem como sua compreensão da morte.

Sobre a existência de um outro mundo, faz-se necessário conceber ontologicamente a morte em sua totalidade aqui neste mundo. Uma “metafísica da morte” faz-se impossível por ser necessário responder a questões como: quando a morte entrou no mundo ou se ela faz parte de algum malefício. Para tal, teria de se precisar ontologicamente o mal e a negatividade na totalidade dos entes.

Para analisar e capturar a estrutura ontológica da ideia de morte não se deve ater a uma mera leitura, deve-se ser guiado por uma caracterização ontológica do modo de ser da pré-sença. A análise existencial da morte baseia-se nas manifestações existenciais da pré-sença.

Heidegger alerta que tomar a morte como impendente pode incorrer em um erro ontológico, pois seria tomá-la como ser simplesmente dado. A morte faz com que a própria pré-sença se torne em impendente, no sentido de algo iminente, sendo algo que a pré-sença sempre tem de assumi-la, sua condição finita, “Sua morte é a possibilidade de poder não mais estar presente” (Ibidem, p. 32). É uma possibilidade que se desfaz em todas as remissões para o outro, e que, dependendo de seu ser mais próprio, é sua possibilidade extrema, a possibilidade da impossibilidade absoluta, sendo sua possibilidade *mais própria, irremissível e insuperável*. Para a pré-sença basta existir e ela já está lançada nesta sua possibilidade. Porém, na maior parte das vezes a pré-sença não tem consciência de sua morte de forma tematizada ou teórica, ela apenas é alcançada através do sentimento de angústia, que é angústia com o seu poder ser mais próprio e insuperável⁷.

7 “Não se deve confundir a angústia com a morte com o temor de deixar de viver. Enquanto disposição fundamental da pré-sença, a angústia não é um humor ‘fraco’, arbitrário e casual do indivíduo singular, mas sim a abertura do fato de que, como ser-lançado, a pré-sença existe *para* seu fim” (HEIDEGGER, 2001, p.33).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

É através do humor, do sentimento que o ser-para-o-fim toma sua postura diante da morte. O fato de muitos não terem consciência da morte não quer dizer que ela não seja um fator pertencente à pré-sença, e sim, demonstra que o ser-para-a-morte se encobre na sua cotidianidade de sua possibilidade mais própria. Para Morin (1997), o fator primeiro que provoca o surgimento da consciência humana de morte é o horror da decomposição dos cadáveres, que desperta o traumatismo de morte que significa perda de individualidade para o arcaico. É através de um primeiro sentimento de perda através do outro é que surge uma consciência de si para depois, sim, a sociedade poder vir aplacar este sentimento. Contudo, isto não se dá de forma tão metódica como foi descrito, mas acontece de forma complexa e muitas vezes ao mesmo tempo. O ser-para-a-morte deve ser comprovado na cotidianidade, mesmo que de modo ôntico inicialmente. “A sentença deve se fazer visível, sobretudo, na concretude mais imediata da pré-sença, a saber, em sua cotidianidade” (Ibidem, p.34).

O comportamento do ser-para-a-morte com ele mesmo como poder-ser privilegiado, mas na cotidianidade é o impessoal e o falatório que predominam, a compreensão sempre vai se moldar paralelo com o humor. A public-idade conhece a morte enquanto convivência com outros que morrem, vindo como um acontecimento já conhecido não sendo surpresa, como tudo que está disposto na impessoalidade. Ela possui seu discurso dizendo que um dia *se* morre. E é através desse *morre-se* que a cotidianidade entende o ser-para-a-morte cotidiano. Isto leva a compreensão pública a dizer que no *morre-se* “eu não morro” porque o impessoal é o ninguém. “A morte é sempre minha, de forma essencial e insubstituível, converte-se num acontecimento público, que vem ao encontro do impessoal” (Ibidem, p. 35). Assim, o discurso leva a pré-sença a encobrir sua irremissibilidade e insuperabilidade, o que faz com que se perca na impessoalidade quanto a sua posição privilegiada de ser-para-a-morte⁸.

8 A public-idade que fala da morte e nela perde o seu sentido próprio da pré-sença pode ser descrita, de maneira poética, na poesia “Convívio” de Carlos Drummond de Andrade (1990):

“Pouco e mal que eles vivam, dentro
de nós, é vida não obstante.
E já não enfrentamos a morte, de
sempre traze-la conosco”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O encobrimento da morte pode ser constatado nos familiares diante de um moribundo tentando consolar-lhe de sua morte, buscando convencê-lo de que escapará dela e retornará à sua cotidianidade tranquila. A cotidianidade sempre busca tranquilizar diante da morte e esta tranquilidade vale não apenas para o “moribundo” mas, sobretudo, para aqueles que o consolam. Maranhão (1998), em seu livro *O que é morte*, adverte que muitas vezes o consolo que a família tentava fazer ao moribundo era para consolo de si próprio, ou melhor, desejando que o sofrimento do enfermo logo passasse para que eles também não sofressem mais. O impessoal regula o comportamento diante da morte não permitindo atitudes de coragem para assumir a sua angústia, pois ela converte a angústia em temor a um acontecimento que está prestes a vir. Daí surge uma busca de tranquilidade indiferente ao fato de que se morre, alienante de seu poder-ser mais próprio. “De-cadente, o ser-para-a-morte cotidiano é uma permanente fuga dele mesmo” (HEIDEGGER, 2001, p. 37), pois a forma de tentação, tranquilização e alienação caracterizam a *de-cadência*.

Pleno conceito existencial

Não há dúvidas quanto ao “se” morre, todos os seres vivos morrem. Porém, isto traz um fato ambíguo que no afirmar do se morre não se admite de que o “eu” indivíduo possa morrer sendo uma afirmação que alivia o seu estar-lançado na morte. O sentido encobridor não pode estar certo de sua morte, embora esteja. Pois a certeza pressupõe um teor por verdadeiro, estar na verdade. Enquanto abertura a pré-sença está essencialmente na verdade, e daí a certeza privilegiada da pré-sença⁹, o estar-certo de sua morte. O encobrimento do ser-para-a-morte

Edgar Morin (1997) também usa do exemplo do guerreiro que purga a sua morte na morte do inimigo abatido. Maranhão (1998) analisa que no hospital a morte e o doente são impessoalizados através de vocábulos como “expirar”, “perdeu-se na mesa de operação”, na guerra usa-se “o soldado deu baixa”, ou ainda, “o fulano tornou-se um presunto”. Jolivet (1975) aponta que quando Heidegger faz a análise do “se” morre ele incorre em uma confusão entre o ôntico e o ontológico, afirmação que se encontra na página 126 de sua obra aqui já referida.

9 “A morte é uma possibilidade privilegiada da pré-sença”. (HEIDEGGER, 2001, p. 30.) A preciosidade ou privilégio do homem pode ser encontrado na literatura de Jorge Luis Borges (1999, p. 603), em seu conto *O imortal*: “A morte (ou sua alusão) torna preciosos e patéticos os homens. Estes comovem por sua condição de fantasmas; cada ato que executam pode ser o último; não há rosto que não esteja por dissolver-se como o rosto de um sonho (...) Entre os Imortais, ao contrário, cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fundamenta a tese de que a pré-sença está fundada na não-verdade. Porém, a certeza do encobrimento deve ser entendida com um ter-por-verdadeiro inadequado, pois é uma certeza inadequada daquilo que ela está certa, e não uma certeza duvidosa, como poderia incorrer uma interpretação apressada. No cotidiano faz-se a experiência da morte dos outros, sendo um fato dado na experiência. Porém, a certeza “meramente” empírica do deixar de viver não decide em nada sobre a certeza de morte. O pleno conceito ontológico-existencial da morte pode agora se delimitar da seguinte maneira: “Enquanto fim da pré-sença, a morte é a possibilidade mais própria, irremissível, certa e, como tal indeterminada e insuperável da pré-sença. Enquanto fim da pré-sença, a morte é e está em seu ser-para o fim” (Ibidem, p. 41).

A constituição da pré-sença dá-se pela abertura, que é uma compreensão determinada por disposições. O ser em sentido próprio não foge e nem encobre seu ser para a morte, é elaborado de momentos de compreensão da morte.

Através da antecipação a possibilidade torna-se sempre maior, pois é a proximidade da possibilidade da impossibilidade absoluta de toda relação com. “O ser-para-a-morte é antecipação do poder-ser de um ente cujo modo de ser é, em si mesmo, um antecipar” (Ibidem, p. 46).

Estar projetado no seu poder-ser mais próprio é poder se compreender no ser de um ente desentranhado, não sendo de outra forma senão existir. A antecipação é a forma de compreender seu ser-mais próprio. Porém, compreender significa compreender-se em suas possibilidades de ser, desentranhadas no projeto, e não somente um agarrar de sentido.

A morte como possibilidade mais própria possibilita que a presença seja desvencilhada do impessoal. Ela também é irremissível e a antecipação dessa sua possibilidade faz-lhe assumir seu próprio ser a partir de si mesmo e para si mesmo. A antecipação libera a pré-sença para o caráter de insuperabilidade da morte, levando-a a compreender e escolher em sentido próprio suas possibilidades finitas. O modo de ser certa da possibilidade da morte se determina a partir da verdade e lhe favorece a abertura do ser que lhe corresponde, tendo por verdade sempre e

passado o antecederam, sem princípio visível, ou o fiel presságio de outros que no futuro o repetirão até a vertigem.”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

somente a sua própria morte e não a dos outros. A possibilidade mais própria, irremissível e certa é insuperável. Na antecipação da morte certa se a descobre indeterminada e isto abre uma ameaça que brota no seu presente: a morte pode lhe alcançar a qualquer momento. Então surge o papel da angústia que mantém aberta a pré-sença, porém a angústia leva a compreensão de si mesma.

Heidegger resume a caracterização do ser que se projeta para a morte em sentido próprio:

A antecipação desentranha para a pré-sença a perdição no próprio impessoal e, embora não sustentada primariamente na preocupação das ocupações, a coloca diante da possibilidade de ser ela própria: mas isso na LIBERDADE PARA A MORTE que, apaixonada, factual, certa de si mesma e desembarcada das ilusões do impessoal, se angustia. (grifos do autor) (Ibidem, p.50)

Portanto, “a sociedade anula quase que completamente a morte, na medida em que se afirma em relação aos indivíduos. Mas a individualidade não está no mesmo nível para todos os membros de uma sociedade” (MORIN, 1997, p. 50). Edgar Morin fez uma análise voltada a alienação da individualidade através da guerra, do mito, da religião e da ciência, enfim, pelo social. Ao que Heidegger limita-se a dizer que a pré-sença é jogada no impessoal através do falatório e publicidade.

Em um enfoque um tanto mais antropológico, o indivíduo se forma no meio social e, em um segundo momento, este meio suprime a sua individualidade, sendo, em uma análise de terceiro plano, que a morte do outro, que primeiramente garantiria o dado triplo dialético, causa a impessoalidade do humano, ou melhor, do ser-aí, lançado.

O humano – que Heidegger perdoe se o uso desta palavra carregada pela metafísica tornar-se indevida pelos infundáveis “ismos” deturpadores que ele tanto criticou em *Sobre o humanismo* – que, estando lançado, é um ser de espera esperando a sua suprema possibilidade. Um ser de possibilidades, que se abre em direção ao ser mais próprio, mas que pode ser



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

interrompido pelo impessoal. Um ser que não suporta estar sempre de forma ontológica, ou melhor, sempre na angústia ou ontológico, que muitas vezes se embrenha pelo ôntico. E esta incapacidade de estar sempre apropriado de si mesmo surge em Edgar Morin quando analisou o terceiro momento do surgimento da consciência humana, o mito.

Enquanto está-se no impessoal não há a dimensão de preocupação com os outros ou com o que está-aí, em torno. O homem não se torna responsável por nada que ocorre ao seu redor. Buscar a autenticidade é algo que exige esforço individual.

Conclusão

A morte é a possibilidade que anula todas as possibilidades humanas. Fugir de sua possibilidade na publicidade, no purgar a morte como morte dos outros é também fugir de sua própria condição existencial. A consciência de que o outro morre e a de negação de que eu também morro lança o indivíduo na condição de que ele tudo pode, de que ele não é afetado pela morte. A consciência própria do indivíduo em direção a sua autenticidade passa por sua percepção de finitude. Há uma possibilidade ética nesta consciência que o presente artigo ainda não foi capaz de explorar. Heidegger e Edgar Morin divergem quanto a consciência humana diante da morte. Na concepção heideggeriana a consciência de que o outro morre não me fornece uma consciência autêntica de mim mesmo. Edgar Morin parte da consciência da morte do outro para a consciência do indivíduo. Os dois autores aproximam-se apenas na percepção de que a consciência de que o outro morre é uma forma de fugir da consciência de que a morte do indivíduo é a sua possibilidade mais própria.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. v.1. São Paulo: Globo, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2001, v. II.
- _____. "Sobre o humanismo: carta a Jean Beaufret" *In Os pensadores*. v.45. São Paulo: Abril Cultural, 1973.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- JOLIVET, Régis. **As doutrinas existencialistas: de Kierkegaard a Sartre**. Porto: Cultrix, 1975.
- LAPORTE, Anna Maria; VOLPE, Neusa Vendramin. **Existencialismo**. Curitiba: Juruá, 2000.
- LOPARIC, Zeljko. **Heidegger réu: um ensaio sobre a periculosidade da filosofia**. Campinas: Papirus, 1990.
- MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte. Coleção Primeiros Passos**, n.150.. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. TradRio de Janeiro: Imago, 1997.